



Cardoso Alves agiu como se estivesse à cabeceira de uma mesa. Os outros reagiram

# “Robertão” frustra procura de acordo ao provocar bate-boca

BRASÍLIA — Uma tentativa de reunião entre o Diap (Departamento Inter-sindical de Assessoria Parlamentar), o *Centrão* e o PMDB, para a obtenção de um acordo em torno dos direitos sociais, terminou com um inflamado bate-boca, provocado por Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP). Sentado em sua cadeira de rodas, em posição privilegiada em relação aos demais presentes, o deputado do *Centrão* foi logo dizendo que, como representante da maioria, estava ali para conhecer os pleitos da minoria.

O primeiro a sustentar que não reconhecia Cardoso Alves como representante da maioria foi o deputado Jorge Hage (PMDB-BA), condenando a falta de capacidade do parlamentar para “conversar civilizadamente”. A chegada das câmeras de televisão foi suficiente para exaltar ainda mais o representante paulista, que passou a dar uma entrevista, inviabilizando a reunião. Segundo Cardoso Alves, o

Diap não poderia tê-lo chamado para uma reunião se não tinha a pauta dos assuntos a tratar.

**Righi** — “Enquanto houver imprensa assistindo a essas reuniões, haverá tumulto. A chegada dos refletores da televisão é fatal, o Robertão começa a gritar”, disse o líder do PTB, Gastone Righi, também do *Centrão*, indignado porque a reunião não se concretizara. Ele disse ter chegado ali com a certeza de que, numa conversa com os representantes do Diap e de todos os outros partidos, se chegaria a um acordo final sobre os artigos dos direitos sociais.

Sempre irritado, Righi afirmou que está cansado de participar de reuniões que terminam sempre com discussões resultantes de intransigências. “Meu saco não aguenta mais essa enrolação”, desabafou. Prevista para começar às 10 horas, a tentativa de reunião durou exatamente

15 minutos. Calmo ao chegar, Cardoso Alves sustentou que, quanto à jornada semanal de trabalho, o *Centrão* só aceita a de 44 horas, já votada na Comissão de Sistematização.

Ele contou também que, diante do deputado Luis Inácio Lula da Silva, três repórteres mulheres o procuraram para dizer que a tentativa de fixar em 120 dias a licença-gestante já está provocando ameaças de desemprego. O deputado Paulo Paim (PT-RS) comentou que três mulheres não representam a maioria da Constituinte. Foi quando o deputado Carlos Alberto Caó (PDT-RJ) sugeriu que se ordenasse a discussão, a fim de dar início à reunião.

Neste momento, Cardoso Alves disse: “A minoria, portanto, deve expor seus pontos de vista para que nós, da maioria, possamos decidir”. A frase foi suficiente para inflamar os ânimos.

# Fernando Henrique tem 3 saídas para a crise

BRASÍLIA — Numa longa análise da situação econômica e política brasileira, em que não foram poupados nem o governo, nem os setores progressistas e muito menos os conservadores, o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso (SP), propôs a tribuna um “itinerário” de saída da crise, que começa pela rápida conclusão do texto constitucional, passa pela eleição direta para presidente da República logo após a sua promulgação, e termina com a opção nacional por um país economicamente moderno e socialmente justo.

Depois de dizer que há uma “crise de governo, de confiança, de autoridade”, em decorrência da qual passa a faltar “o essencial: a crença nos que dirigem e nas instituições que emanam as ordens”, Fernando Henrique citou situações em que o desgoverno acabou provocando “desconfiança e corrupção generalizada” — os decretos e pacotes, as zonas de processamento de exportações, a recusa no fechamento de estatais deficitárias, as oscilações na política de pagamento da dívida externa e o recente e rumoroso caso de corrupção envolvendo o ex-ministro Aníbal Teixeira, cujo nome não citou.

direitos; a eficiência da administração e a necessidade do crescimento econômico exigem racionalidade na prescrição dos modos e meios para que se alcance o desejável”.

Embora reconhecendo que a eleição presidencial não terá efeito imediato sobre os problemas econômicos do país, o senador explicou que a defende por outros motivos: “Ela é a energia política, a vara de condão para despertar outra vez a cidadania. Mas só com um novo presidente, presidente eleito, haverá condições para recompor-se a autoridade e haverá esperanças para que se diga um basta, com força, à corrupção”.

Em resposta, o senador Roberto Campos disse, em nome da liderança do PDS, que “no campo das generalidades” tinha pouco a contestar, embora fosse pessimista em relação às possibilidades de um acordo.



F. Henrique propõe acordo

# Ministro não crê em ameaça de ‘histórico’

SALVADOR — O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, desafiou ontem o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, do *Grupo Histórico*, a cumprir a ameaça de retaliação contra os governadores que trabalharem pela aprovação do mandato de cinco anos para o presidente Sarney. “Ele não tem coragem de fazer a retaliação, porque nós reagiremos”, disse.

Em viagem a Pernambuco e a Bahia, esta semana, em companhia de outros políticos importantes do *Grupo Histórico* do PMDB, Fernando Henrique anunciou que a bancada do seu partido no Senado poderá obstruir ou até vetar operações de financiamento ou rolagem de dívida de estados cujos governadores “estejam recebendo ajuda federal e pressionando constituintes” para votarem pelo mandato de cinco anos.

**Cutelada** — “É inacreditável que um senador que se diz inteligente, como Fernando Henrique, mas que produz muito pouco, possa fazer uma afirmativa tão leviana. O PMDB é muito contraditório. Líder de sua bancada no Senado acha que pode tentar influenciar os constituintes, enquanto sustenta que o governo federal não pode. E agora ele vem com essa ameaça de retaliação — comentou o ministro das Comunicações.

Numa rápida entrevista, depois de inaugurar novos equipamentos e serviços da Telecomunicações da Bahia S/A — 36 mil terminais — Antônio Carlos assegurou que o governo Sarney não está tomando medidas de retaliação contra governadores favoráveis às eleições presidenciais este ano. “Um exemplo disso é a ação do ministro Prisco Viana, que na semana passada esteve aqui trazendo recursos”. Segundo o ministro, a retaliação existe apenas da parte do governador Waldir Pires, “que discrimina as prefeituras do PFL”.

O ministro das Comunicações defendeu eleições gerais para 1989, “mas se quiserem fazer em 88 mesmo, há até uma vantagem para a Bahia, que mudará de governador”.

# Delfim ataca fisiologismo, do “Centrão”

— Acordo? Que acordo? Que nada. Como fazeremos acordo logo na votação do primeiro item da Constituição? Ainda mais um acordo em torno de uma bobagem como é o preâmbulo. O Mário Covas foi quem, praticamente, ditou os termos do acordo. Era só o que faltava a essa altura.

(O deputado Roberto Jefferson, do PTB do Rio de Janeiro, um dos líderes do *Centrão*, está falando, exaltado, sobre o acordo para votação do preâmbulo da nova Constituição, estabelecido há poucas horas no gabinete do deputado Ulysses Guimarães entre lideranças de todos os partidos. O *Centrão* mandou para a reunião os deputados José Lourenço (PFL-BA), Ricardo Fiuzza (PFL-PE) e o próprio Jefferson. São 23h de quarta-feira e o discurso de Jefferson paralisa os talheres de algumas mesas da filial de Brasília do restaurante Florentino).

— Se bancarmos esse acordo, nosso pessoal irá dizer: bem, não vale nada esse tal de *Centrão*. Nossa unidade irá por água abaixo. E tem mais: temos que parar com essas declarações do tipo das que têm sido feitas pelo Robertão, de que “quem dá tem direito a receber”. O José Lourenço também está nessa mesma linha. O Delfim me disse hoje à tarde no plenário que se tudo continuar assim ele vai embora do *Centrão*.

(O Robertão é o deputado Roberto Cardoso Alves, do PMDB paulista, que disse, mais de uma vez, que o governo deve premiar com favores os deputados e senadores que se dispuserem a apoiar na Constituinte. O deputado Delfim Neto, de fato, ameaça largar o *Centrão*.)

- Para contrabalançar a discriminação que sofrem alguns governadores por apoiarem os quatro anos, o Senado, por iniciativa do senador Rui Bacelar (PMDB-BA), começou a segurar a aprovação de empréstimos para os estados premiados com verbas pelo governo federal.
- O deputado Luiz Freire (PMDB-

com receio de ser confundido com os fisiológicos que integram o grupo. Daqui a pouco, tão logo Jefferson conclua seu arrebatado discurso, Delfim entrará em cena.)

— Temos que parar com essa história de nos atrelarmos formalmente a essa questão do mandato do Sarney e do sistema de Governo. Assim não vai dar. Corremos o risco de virar o novo Maluf, culpados de tudo, da tortura, do custo de vida, de tudo. Aqui, ó, que eu vou segurar essa. Não vou segurar mesmo. Tenho que pensar na minha reeleição.

(Ouvinte atento do desabafo de Jefferson, o deputado Gilson Machado, do PFL de Pernambuco e também do *Centrão*, abana a cabeça em sinal de concordância mas repete o que dissera meia hora antes: “A sociedade exige uma definição rápida sobre a extensão do mandato do presidente Sarney e sobre o sistema de governo a ser adotado pela futura Constituição. Dentro do *Centrão*, é fisiológico quem se opõe a isso. Pode escrever.” Conforme o prometido, a palavra agora é de Delfim.)

— Assim fica difícil. O *Centrão* está virando uma agência de emprego. Perdemos, veja só, o apoio do *Estadão* e da *Folha de S. Paulo*, que publicaram antecorrespondências editoriais violentíssimas. Tivemos formado um grupo sadio, uma coisa arrumada para contribuir na tarefa de se fazer uma boa Constituição. E agora?

(O ministro do Planejamento do governo do presidente Figueiredo está, desde cedo, ocupado em seu gabinete, de número 511, no anexo IV da Câmara dos Deputados. São 9h30min. Dali a pouco, ele caminhará para uma solenidade no prédio do Senado e será, a cada dez metros, parado por admiradores que lhe apertam a mão, lhe desejam boa sorte e, os mais entusiasmados, manifestam a vontade de vê-lo eleito governador de São Paulo ou presidente da República.)

— O governo pegou carona no *Centrão* e, como sempre, onde o governo mete a mão, a coisa começa a desandar. O governo é grileiro no *Centrão*.

**PINGA-FOGO**

PE), filho do falecido ministro Marcos Freire, assinou a emenda dos cinco anos mas confessou ontem que votará nos quatro com presidencialismo. “Quem pensa em se reeleger não pode votar nos cinco”, argumentou.

□ O governo não existiu de tentar inverter a pauta da Constituinte, para votar logo o mandato de Sarney e

trão. Quando saiu aquela emenda dos cinco anos com mais de 300 assinaturas, fiquei com a impressão de que os cinco anos estavam mais ou menos garantidos. Agora, não sei não. Os 200 e tantos deputados que votaram contra o preâmbulo da emenda do *Centrão* votaram quatro anos. Será que não haverá uns 60 que votaram conosco e que na hora votarão nos quatro?

(Delfim está pessimista quanto ao futuro do *Centrão* e do próprio país. Cita um relatório da Secretaria Especial de Controle das Estatísticas, que diz ter o PMDB empregado até agora, somente nas empresas do Estado, 53 mil pessoas, contra menos de 10 mil empregados em seis anos de governo Figueiredo. Conta que lhe informaram antecorrespondente a respeito de um empréstimo de milhões de dólares que o governo concedeu à Trol, empresa do ex-ministro Dilson Fugaro. Arremata: “Isso é um escândalo.”)

O discurso de Jefferson e a intervenção ponderada de Delfim fornecem poderosos indícios das dificuldades que o *Centrão* começou a enfrentar para poder continuar ostentando a condição de aparente maioria dentro da Constituinte. “Estamos perto da divisão institucionalizada”, admitiu ontem o deputado Afif Domingos (PL-SP). “Não podemos nos hostilizar.” Mesmo que perca a maioria que amealhou para reformar o regimento interno da Constituinte, o *Centrão* conservará poder de fogo suficiente para, se quiser, emperar o processo de confecção da futura Constituição.

Há, como já ficou demonstrado, uma ala do *Centrão* interessada, tão-somente, nos favores oficiais que pode obter em troca do voto do mandato de cinco anos — mas há também, como aos poucos se tornará visível, uma ala que aposta, simplesmente, na inviabilidade da Constituinte. Essa ala tem ramificação no Palácio do Planalto e em importantes gabinetes ministeriais. Obedece à palavra de ordem de “Constituição, quanto mais tarde Melhor” para que Sarney ganhe os cinco anos por decurso de prazo.

assegurar a manutenção do presidencialismo. Já recolheu mais de 250 assinaturas para um projeto de resolução nesse sentido.

□ Preâmbulo da Constituição do *Radical de Araxá*: “Seja o que Deus quiser.”

Ricardo Noblat



Collor faz visita a D. Hélder mas não obtém apoio

# Collor desafia Sarney e quer punir corruptos

RECIFE — O governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, desafiou o Palácio do Planalto a divulgar dossiê apontando irregularidades em sua administração na prefeitura de Maceió entre 1979 e 1982. Irritado, declarou: “Até exijo isso. Este governo precisa ter vergonha e respeitar os homens de bem, colocando os corruptos e os ladrões na cadeia”.

Repetindo o gesto de Tancredo Neves — que, antes de iniciar sua campanha à Presidência no Nordeste, visitou D. Hélder Câmara — Collor de Mello também esteve com o arcebispo. Depois, conversou com o governador Miguel Arraes e deu entrevista com pose de candidato.

**Jatinho** — Irritado com a informação de que o Planalto o acusara de usar dinheiro do contribuinte para, a bordo de um jatinho, fazer viagens pelo país, Collor disse que o jatinho que vem utilizando “quando os vãos comerciais não comportam o cumprimento da agenda” pertence ao empresário alagoano João Lyra, que foi candidato do PMDB a senador em 1986. E completou: “A via-

gem que fiz à China foi paga com dinheiro do meu próprio bolso. Paguei não só minha viagem como a dos assessores que me acompanharam”.

O governador disse que é candidato à Presidência dentro do PMDB e não pretende mudar de sigla. Descarta ainda ser vice numa chapa de composição.

Tanto na casa de Dom Hélder, nos fundos da igreja das Fronteiras, onde foi recebido em uma salinha decorada com uma rede e cadeiras antigas, como no gabinete do governador Miguel Arraes, Collor não colheu promessas de apoio. Conversou uma hora e meia com Dom Hélder e uma hora com Arraes.

O governador de Alagoas acha que sua promessa de combater a corrupção, repetida por todos os candidatos a presidente do Brasil desde a redemocratização de 1946, não causará descrédito no povo: “Em mim o povo acredita porque, quando me candidatei a governador de Alagoas, prometi combater os marajás, o crime organizado e realizar pequenas obras que estivesse em condições de fazer. O que prometi estou cumprindo”.

# Deputado muda voto por amor aos alagoanos

BRASÍLIA — Uma conversa com o governador Fernando Collor (AL) e uma visita às bases fizeram o deputado Roberto Torres (PTB-AL) desertar do *Centrão* e passar a defender com unhas e dentes quatro anos de mandato para o presidente Sarney, com diretas já. Torres apoiou o *Centrão* na votação para mudança do regimento e recentemente assinou a emenda do grupo defendendo cinco anos de mandato para Sarney.

— Não posso aceitar vender o meu compromisso com o povo. Isso é vergonhoso e imoral. Vi muita gente comento a troca do voto por uma rádio ou recursos — declarou o deputado, denunciando que há poucos dias ouviu do ministro Prisco Viana, da Habitação: “se você quiser alguma coisa para sua região, pode pedir, mas para o seu estado não sai nada.”

— É muito fisiologismo. Não posso aceitar uma discriminação dessas com o meu estado — protesta o deputado, insistindo: “Não sei nada de nenhum ministério para Alagoas. Até o Brossard (ministro da Justiça) suspendeu a segunda leva de viaturas policiais que havia doado ao estado.”

**Socorro** — O que adianta votar com o *Centrão*, apoiar cinco anos para esse Sarney, se não se recebe nenhuma recompensa para nos socorrer? — questionou-se o prefeito de Carilbas, José Camilo Barbosa, correligionário do deputado, que no último dia 22 declarou estado de calamidade pública em seu município e, em Brasília, tenta conseguir liberação de recursos para socorrer 10 mil flagelados acampados na sua prefeitura.

— Não sai nada para Alagoas desde essa arrancada de fisiologismo do governo. Uma política dessas é de dar vergonha até em coronel — emenda o prefeito, reforçando: “Nossa resposta só pode ser diretas já mesmo.”

— Meu povo está comendo palma (vegetação para alimentar gado) e o governo trocando voto por rádio. Isso é desrespeito — rebate Torres, 49 anos, deputado federal em primeira legislatura.

# UDR não engrossa grita da esquerda contra cinco anos

FORTALEZA — O presidente da UDR, Ronaldo Caiado, negou-se a participar do cerco ao Congresso Nacional, marcado pela esquerda para 4 de fevereiro, ao esclarecer que a tática usada pela entidade, para protestar contra o mandato de cinco anos para o presidente José Sarney e defender o sistema presidencialista, “é pacífica e ordeira”.

Ele condenou o PT o PC do B, o PCB, a CUT e a CGT, por estarem interessados “em fazer badernas, como as que estão fazendo aqui em Fortaleza”. Referia-se às manifestações de repúdio à sua presença no Ceará onde chegou na noite de quarta-feira para instalar a regional da UDR.

Caiado fez questão de dizer que a UDR era capaz de pôr nas ruas de Brasília dez vezes mais pessoas que o número previsto para o dia do cerco ao Congresso, “mas não para fazer cerco e sim dar apoio aos constituintes que defendem idéias liberais”.

10-  
tas,  
por  
tra-  
nta-  
SE's  
sgra  
SE's  
Sia-  
ma-  
o de  
arço  
nte-  
  
jada  
nes-  
o ser  
RO-  
06 -  
Sala